

HOMEM ANIMAL

A ENTREGA

Buddy Baker tem o poder de absorver as habilidades de qualquer ser vivo que esteja perto de si, da agilidade de um tigre à capacidade de saltar das pulgas. Esses talentos não transformam seu corpo, então Buddy jamais vai ganhar asas de um pássaro para voar. Mas se tiver um braço decepado, ele pode usar o poder de regeneração de uma minhoca, e ganhar um novo membro.

Com essa dádiva vinda de alienígenas, um uniforme laranja e o codinome “Homem Animal”,

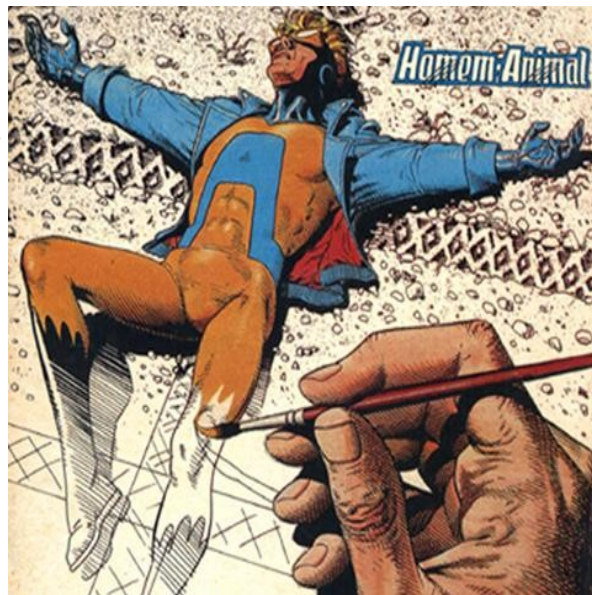
Buddy faz parte do mesmo universo de Batman, Super-homem, Mulher Maravilha e toda a Liga da Justiça – a qual chegou a integrar. A diferença é que as histórias desse herói trazem geralmente conflitos éticos e uma relação com a defesa dos animais. Até a defesa do bicho homem.

Assim Buddy já lidou com a crueldade no trato das cobais de laboratório e com a crueldade das guerras civis, com a defesa dos seres enjaulados em zoológicos e a defesa das mulheres e crianças vítimas da violência domésticas.

Isso porque mais do que absorver as habilidades das criaturas, o Homem Animal se coloca no lugar. Não é um vigilante à margem do problema, apenas observando. Ele se envolve, interfere nas situações. Se os seus companheiros justiceiros não querem tomar posição num conflito na África do Sul, é problema deles. Buddy vai se juntar a um dos lados do embate, possivelmente o mais injustiçado e fraco.

Fica claro, nas suas aventuras, que ele é mais do que um homem se passando por animal. É o homem que consegue ver seus semelhantes de raça como bichos também, sem nenhuma diferença das criaturas que lhe concedem talentos. Nesse caso, sua busca é pela racionalidade e razão perdidas, a real habilidade do bicho homem.

As aventuras de Buddy Baker são assinadas por grandes nomes dos quadrinhos, como Carmine Infantino e Grant Morrison. É de Morrison uma das fases mais cultuadas do personagem, em especial pela aventura “O Evangelho do Coiote”.



Nessa história, uma figura monstruosa tenta fugir, pelo deserto, de um caçador que o persegue. O caçador acredita que sua vida desmoronou desde que avistou e atropelou essa criatura, numa rodovia, em um outono. Seguindo uma trilha, ele alcança a figura – um coioote humano.

O caçador acerta um tiro no coioote, que desaba por um precipício. Mas o ser não morre, e o caçador decide jogar uma pedra sobre ele. Uma nuvem de poeira surge. O coioote se levanta novamente, e cai numa armadilha, quando uma bomba explode sob ele. E ainda não morre...



A comparação com os desenhos animados do gênero do Papa-léguas está mais do que clara no cenário, na crueldade, no clima e na ressurreição. Até que surge o Homem-Animal, tentando salvar o coioote da tortura viver-morrer. A criatura entrega, ao herói, uma carta onde está escrito “O Evangelho do Coioote”. Essa narrativa, em estilo infantil, conta que um dia, no mundo do desenhos animados, o coioote se cansou de viver com tanta violência e perseguição entre as espécies. Procurou o criador, o desenhista supremo, e disse que não prosseguiria nessa vida. Ganhou o castigo de caminhar no mundo dos humanos, como uma fera odiada, e a viver-morrer.

A história termina com o coioote assassinado pelo caçador, vertendo nanquim ao invés de sangue, numa encruzilhada, de braços abertos – crucificado. E Buddy, o Homem-Animal, nada pode fazer para salvar a criatura.

O coioote, fica claro, não era um inimigo. Era um salvador, que desceu do seu mundo para morrer aqui infinitas mortes porque se recusou a viver sob a violência do mundo original.

Essa história nos leva até outra, a do médico missionário Claude Brown, que há muitos anos viajou para a Shaoning, na China, para trabalhar com os pobres. Brown descobriu uma doença desconhecida, sem cura. Por causa dela, muitos estavam morrendo, e ele nada podia fazer.

Sem equipamentos de pesquisa para trabalhar em Shaoning, o médico tomou uma decisão arriscada. Coletou toda informação possível sobre a doença no campo e embarcou, num navio, para os Estados Unidos. Quando se aproximou de Nova York, Claude Brown injetou em si os germes que estavam causando a doença misteriosa na China. Rapidamente, ele desenvolveu todos os sintomas e ficou muito doente.

Foi levado para o hospital, onde seu caso foi plenamente estudado. Claude explicou que procedimentos havia tomado, qual os motivos que o levaram a isso, e conseguiu ser curado. Reestabelecido, voltou à China levando o antídoto para a doença e salvou diversas pessoas contaminadas e outras incontáveis vidas que poderiam vir a desenvolver aquela doença.

O Homem-Animal, o coiole e Claude Brown.

Assim é que o Filho de Deus se entregou por nós.

Jesus, como homem, absorveu todas as nossas fraquezas e os nossos dilemas, tal qual Buddy Baker no seu papel de herói. Foi assim que o Salvador compreendeu a alma humana e manifestou sua expressão maior de dádiva – a entrega na cruz.

Como o coiole do evangelho escrito por Grant Morrison, Jesus deixou a Glória suprema para caminhar entre aqueles que o odiaram. E não o fez como um castigo, como aquele dado pelo desenhista supremo. Foi uma entrega por amor.

A atitude de Claude Brown, arriscando sua vida em favor dos chineses, é emblemática. Porque se Jesus sabia da sua missão e que Sua morte terminaria na vitória da ressurreição, Brown não tinha nenhuma certeza de que a sua contaminação voluntária com os germes da doença serviria para algo, que não fosse matá-lo. Um entrega incondicional.

O conteúdo do Evangelho é isso.

A história de uma entrega profunda, que transforma vidas.



www.deusnogibi.com.br